

As chances de Aureliano

LUIZ A. PINHEIRO

Houve um dia, em 1983, em que o então presidente interino da República, Aureliano Chaves, era mais popular no País do que o Fernando Collor de hoje. Seu índice de popularidade medido em pesquisas de opinião pública era o dobro que o Ibope acaba de dar ao ex-governador de Alagoas e somente seria superado em 1986, quando o Plano Cruzado empurrou o presidente José Sarney para os píncaros da glória. A pergunta agora é: conseguirá o candidato presidencial do PFL de 1989, Aureliano Chaves, chegar ao menos num honroso lugar no primeiro turno de votação, em 15 de novembro?

A julgar pelo Ibope desta semana, o ex-ministro das Minas e Energia é candidato ao sétimo lugar com apenas 2 por cento das intenções de voto, se a eleição presidencial tivesse sido realizada no período compreendido pela oesousa, isto é, entre 12 e 15 do corrente. Mas é claro que a candidatura do PFL ainda não decolou pelo simoles motivo de que ainda nem começou. Até agora os pefelistas estavam à procura de can-

didato, numa disputa interna ao estilo das eleições primárias dos Estados Unidos — só que em volume bem mais modesto.

Uma vez escolhido candidato em convenção e com um companheiro de chapa de boa aceitação popular, o ex-ministro Aureliano Chaves deverá melhorar seu posicionamento, até porque a pesquisa demonstra 13 por cento de indecisos, parte dos quais poderá voltar-se para a candidatura do ex-ministro. Mas a sua grande chance de chegar ao segundo turno está em saber se conseguirá unir, em torno de si, o segundo maior colégio eleitoral do País, o de Minas Gerais, com seus quase 20 por cento dos votos de novembro. Se os mineiros se unirem por um candidato da terra, como Aureliano Chaves, a sua situação pode melhorar bastante. Em caso contrário, as chances são reduzidas e ficarão por conta do que ocorrer durante o processo eleitoral.

Além do fator mineiro, Aureliano Chaves também poderá subir pontos na tabela da opinião pública se tiver condições de sobressair-se em relação a seus outros concor-

rentes que estão congestionando as áreas de centro e de direita. A rigor, somente o deputado Lula da Silva está hoje na esquadra — e isolado. Até o candidato do PCB, Roberto Freire, tem um discurso centrista, que fala em pacto antiterror e faz visitas a cardeais católicos. Brizola está mais centrista que Mário Covas. Nesse congestionamento de área, Aureliano Chaves terá de sobressair-se, saltando fora dessa vala comum com posições bem ao seu estilo e de agrado popular — vigorosas e até briguentas.

Outro desafio ao ex-ministro das Minas e Energia é virtual candidato do PFL é retomar o discurso de austeridade e de moralidade que passou, rapidamente, às mãos do ex-governador de Alagoas, popularizado, com justiça ou não, por sua caça aos "marajás", — ao que parece mais radical ainda do que a que foi movida contra eles na sua terra natal, a Índia. Se o ex-ministro deixar que a campanha se polarize entre Collor e Brizola, então não haverá chances de ultrapassar o primeiro turno nem que todos os eleitores de Minas Gerais votassem maciçamente em seu nome.